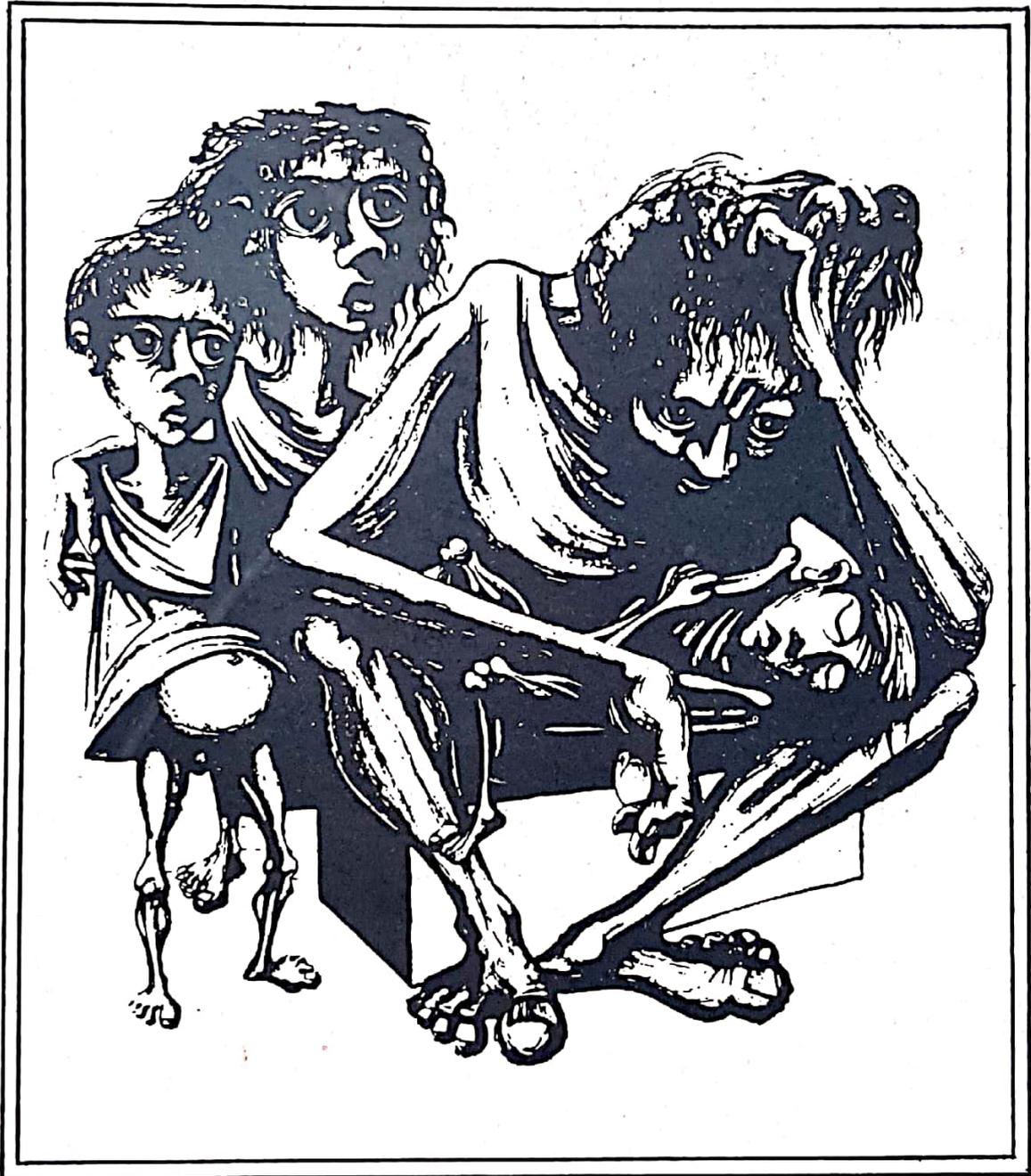




ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS



anais do 4^o
encontro nacional dos geógrafos



anais do 4^o
encontro nacional dos geógrafos — rio 1980

ASSOCIAÇÃO
DOS GEÓGRAFOS
BRASILEIROS

EDIÇÕES AGB

ÍNDICE

Pág.

O IVº ENG	3
APRESENTAÇÃO	9

MESAS REDONDAS

1 - O PROBLEMA FLORESTAL DA AMAZÔNIA BRASILEIRA - Orlando Valverde ..	19
2 - AS MULTINACIONAIS NA AMAZÔNIA: O PROJETO JARI E O PAPEL DOS PESQUISADORES - Irene Garrido Filha	34
3 - A QUESTÃO AGRÁRIA - Ariovaldo Umbelino de Oliveira	40
4 - MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS - ALGUMAS REFLEXÕES - Ana Clara Torres Ribeiro	49
5 - O ESTADO CAPITALISTA E O USO DO SOLO URBANO - Ayrton Teixeira Almada	53
6 - ESTADO E ESPAÇO URBANO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA - Maurício de Almeida Abreu	58
7 - O ESPAÇO E A APROPRIAÇÃO DOS BENEFÍCIOS LÍQUIDOS DOS INVESTIMENTOS DO ESTADO EM INFRA-ESTRUTURA URBANA - David Michael Vetter	73
8 - PROJETO RIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA - Pedro Costa Guedes Vianna e Marcos Antonio Santos	83
9 - CLASSES SOCIAIS, HABITACÃO E O GRANDE RIO: APRESENTAÇÃO DO TEMA - Roberto Lobato Corrêa	97
10 - CONJUNTOS HABITACIONAIS E DESLOCAMENTOS PARA TRABALHO E COMPRAS - Elizabeth Aiub Hijjar	103
11 - DIFERENCIAÇÃO RESIDENCIAL E CLASSES SOCIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - Nilo David Coelho Mello	118
12 - ONDE ESTÃO OS REALMENTE POBRES NA ÁREA METROPOLITANA DO RIO NO INÍCIO DOS ANOS 80? - Roberto Schmidt de Almeida	128
13 - BRASÍLIA - VINTE ANOS - CRISE E ALTERNATIVAS - Aldo Paviani ..	133
14 - ASPECTOS DA "CRISE URBANA": A DESTRUIÇÃO DO BAIRRO DO BRÁS EM SÃO PAULO - André Roberto Martin	145
15 - O MOVIMENTO AMBIENTALISTA EM SOCIEDADES CAPITALISTAS DEPENDENTES - Aristides Arthur Soffiati Netto	152
16 - RECURSOS ENERGÉTICOS E POLÍTICA AMBIENTAL - Dalia Maimon	159
17 - POLÍTICA AMBIENTAL NO BRASIL - ASPECTOS GERAIS - André Cezar Médici	168
18 - POLÍTICA ENERGÉTICA E POLUIÇÃO DO AR - Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho	189
19 - LEVANTAMENTO DO POTENCIAL EÓLICO BRASILEIRO - Lucy Pinto Gallego ..	199
20 - A COLABORAÇÃO TÉCNICA DO GEÓGRAFO NA BUSCA DE FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA - Salomon Turnowski	209
21 - UMA AMOSTRAGEM DO POTENCIAL ENERGÉTICO SOLAR DE CAMPOS - Ana Maria Ramos	213
22 - A NOVA ORDEM INTERNACIONAL NO SEGUNDO PÓS-GUERRA - Beatriz Maria Soares Pontes	216
23 - SOBERANIA E SERVIDÃO DO ESTADO LATINO-AMERICANO (UM RESUMO) - Eder Sader	227
24 - ESPAÇO, INTERDISCIPLINARIEDADE E POLÍTICA - Ana Clara Torres Ribeiro	239
25 - GEOGRAFIA, ECOLOGIA, IDEOLOGIA: A "TOTALIDADE HOMEM-MEIO" HOJE - Ruy Moreira	245
26 - A SUBTOTALIDADE GEOGRÁFICA E SUA ESPECIFICIDADE - Armando Corrêa da Silva	269

A SUBTOTALIDADE GEOGRÁFICA E SUA ESPFCIFICIDADE

Armando Corrêa da Silva*

Uma das características da boa epistemologia é o desvendar crítico das abordagens que transformam a análise do real em mera linguagem sobre as aparências. Contudo, essa crítica tem indicado a fragilidade das soluções e a debilidade do discurso, mais do que apontado em direção da construção dos fundamentos ontológicos do conhecimento geográfico.

Argumenta-se que o embate ideológico é a forma mesma de descobrir esses fundamentos. Estaria, assim, a construção do discurso geográfico alicerçada na denúncia do cotidiano e vinculada à superestrutura das idéias que a instrumentalizam.

O ponto de partida aqui é diverso. Trata-se de, no plano teórico, descobrir as categorias reais que justificam um recorte do sêr, a que se denomina subtotalidade geográfica.

O que é, então, o sêr geográfico?

A particularidade do conhecimento em Geografia tem permanecido um "mistério", que se apresenta à observação empírica como formas e relações. Para desvendar esse "mistério" é preciso possuir a aparelhagem adequada que deve constituir-se no método dialético e no materialismo geográfico. Estes indicam o espaço como a categoria universal da subtotalidade geográfica. Mas, o espaço nada é sem a referência aos lugares concretos que o particularizam, como área, região e território. Mais

* Prof. Assist. Doutor do Deptº de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ainda, espaço, lugar, área, região e território são formas categoriais e conceituais que se relacionam como relações espaciais, vale dizer, como processos.

As formas e os processos espaciais são unidades na diversidade dos modos de produção natural e social. Por isso, desde logo, são resultados do trabalho.

O lugar é, então, inseparável do trabalho que o produz, numa dupla determinação: o lugar como primeira natureza determina-se como trabalho natural que apresenta as condições sobre as quais recai o trabalho social. A apropriação do lugar natural produz o lugar social, como segunda natureza. O trabalho natural, não teleológico, subordina-se cada vez mais ao trabalho social. Por isso, o lugar natural é um valor em si, que não se realiza senão como valor para o homem: como recursos. Mas, recursos que possuem um traço físico de continuidade natural-social, na medida em que permanecem como substratos de toda a atividade social. A forma e os processos espaciais se realizam, então, como o espaço do tempo presente no espaço.

Pode-se dizer, por isso, que a forma espacial é a expressão do lugar, que é o valor real, assim como o homem que o habita e trabalha. Geograficamente o lugar é um complexo de relações de localização determinadas. Ele se apresenta com um duplo aspecto: como lugar em si, que pode ser descrito com a certeza das ciências naturais, e como lugar de ocorrência e manifestação, que pode ser compreendido pelas ciências sociais.

Coloca-se, então, aqui, uma questão importante: a Geografia estuda o espaço a produzir, o espaço em produção, o espaço produzido, ou

estuda a produção do espaço?

A pergunta implica em que tem que se admitir que a relação na natureza e sociedade não permite a adoção de soluções simples.

Uma das possibilidades de evitar o dualismo implícito é considerar que o espaço, que é produzido, é desde logo um de seus próprios meios de produção, ou seja, o espaço não apenas é base, condiciona ou oferece possibilidades, mas é ele próprio componente de sua efetivação, no processo de transformação do real espacial, como extensão. Ou seja, a extensão é um dado universal do sêr.

Na unidade contraditória do sêr geográfico há, então, que considerar o físico e o natural, o humano (como ecologia, sociedade e cultura), o próprio espaço geosocial analítico, o processo e a forma, como categorias da formação geográfica.

É a formação geográfica que coloca concretamente a questão dos estudos geográficos e modo de produção; dos estudos geográficos e política. Assim, a natureza e a sociedade, em geral, não podem ser estudados sem a consideração das relações sociais de produção e seus conflitos, que se exprimem na existência do Estado.

Daí as questões práticas que se apresentam ao geógrafo, quando este assume sua disciplina como um recorte do real, uma subtotalidade específica: o que é esse profissional hoje, no mercado de trabalho? Como resolver as questões de especialização e interdisciplinaridade?

Só a consideração das categorias particulares do sêr geográfico pode encaminhar à solução.

*Um galo sozinho não tece a manhã
ê ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o leve a outro, de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
e se erguendo tenda, onde entrem todos
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

(TECENDO A MANHÃ)

João Cabral de Melo Neto